

XIV JORNADAS DA EBP
SEÇÃO SÃO PAULO

BOLETIM
TU
DEVES...

#04



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção São Paulo

OBRA FRATURA - FERNANDA LEAL

TU DEVES...

SUMÁRIO

3	... espiar o editorial
5	... ler o eixo 3: Paradoxos do Goze! na cultura
12	... dominar o humano?
16	... nem bem... nem mal
19	... interrogar-se
21	... ler sobre devastação
26	... ir ao teatro
28	... se preparar para a Livraria!
30	... buscar referências
37	... abrir essa carta e aceitar nosso convite
38	... propor o seu trabalho
40	... colocar a voz e o corpo na pista
42	... garantir sua inscrição
43	... conhecer a diretoria e as comissões organizadoras

... espiar o editorial

Clarissa Degrazia Carvalho

Participante da Comissão de Boletim das XIV Jornadas da EBP-SP

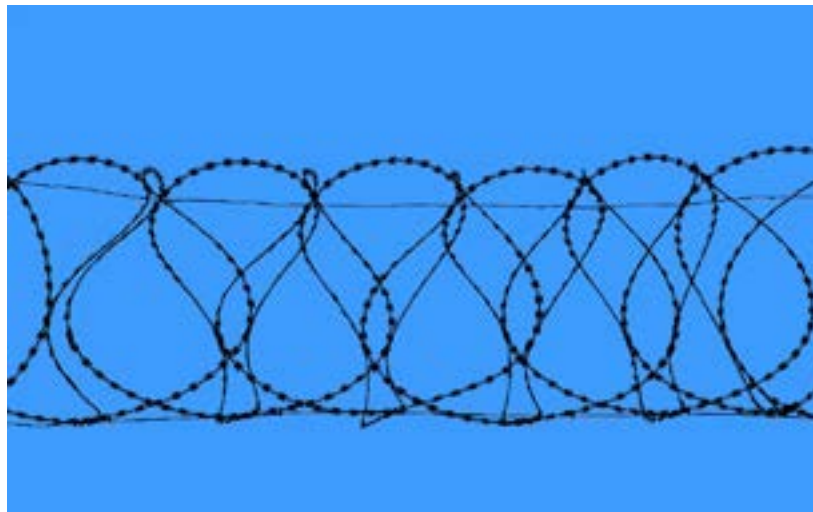


Imagem: (salvatore-favata-unsplash.com)

No quarto boletim das XIV Jornadas da EBP-SP, Bem-Feito, Supereu! aproveitemos a versão imperiosa do supereu para fazermos um uso Bem-feito dos trabalhos desse boletim.

NÓS DEVEMOS... associar, pesquisar, aprofundar, refletir, discutir, supervisionar os textos aqui trabalhados. Me incluo no NÓS DEVEMOS... no lugar do TU DEVES... porque uma especificidade dos trabalhos deste boletim é a frequência com que é abordado como cada analista lida com seu próprio supereu “Tu interpretarás, Tu curarás”.

No texto de orientação do eixo 3, Eliane Costa Dias e Rômulo Ferreira da Silva trazem o circuito paradoxal do supereu e seus efeitos na cultura, passando pela crença no “sem limites”, no empuxo às adições, na degradação da palavra, chegando no discurso analítico e na sua potência de conseguir isolar o sintoma, ressaltar o um a um e interpor um enigma entre o S1 e o mais de gozar, trazendo sempre a instância do tempo.

Adriana Campos nos traz um texto muito claro e clínico de como o inadaptável no humano não está diante de um mestre que desejaria controlá-lo, mas do que o próprio sujeito não domina em si mesmo. Traz a imagem de Miller do Rei e de seu valete de quarto e que com sorte e muito trabalho nós seremos o superego (público) que poderá cair na risada.

Luiz Fernando C. Cunha nos relembra como a Dissolução do Complexo de Édipo dá lugar ao supereu,

sendo ele fator fundamental para a subjetivação da lei e do desejo. O texto avança na formulação lacaniana do supereu, como condição da lei moral, alimentar-se da renúncia pulsional e assim armar um circuito ininterrupto. Luiz ainda constrói uma formulação bastante original de que o supereu seria uma espécie de tapeação do discurso do mestre. Tu debes... se deixar surpreender!

Sérgio de Campos, diante da pergunta de Patricia Badari sobre a devastação como representação do supereu, nos presenteia com um percurso sobre as quatro etapas da devastação feminina. Tu debes... não ficar devastado! Tu debes... se deixar atravessar pelos testemunhos de passe trazidos por ele no final do texto.

Licene Garcia e Milena Vicari Crastelo nos convidam a acompanhar a história da personagem Julie do filme "A pior pessoa do mundo". Traçando os paralelos com o filme, as autoras conseguem discutir como o supereu pode ser devastador, mas também fascinante, a devastação como demanda de amor insaciável, chegando no amor não como demanda de reciprocidade, mas como laço com o Real. Agora, de um jeito um pouco menos superegoico, caso já tenham cansado... Por favor, Leiam!

Élida Biasoli Lenci e Jefferson Nascimento nos provocam com a afirmação de que a domesticação do gozo não funciona, já que o supereu se nutre das próprias renúncias do sujeito. Então, o que fazer com a pulsão para além do princípio do prazer? Uma das saídas possíveis é a sublimação, deslocando o gozo para uma obra viva. É isso que a comissão de festa vem sublimando (rs), preparando essa divertida obra viva. Tu debes... ficar atento às datas, horários e valores.

Tivemos a sorte, e isso foi contingencial e não superegoico, da peça Édipo estar em cartaz no Masp. A apresentação e leitura de Fernanda de Carvalho e Helena Andrade sobre a obediência cega de Édipo em dever tudo saber, DEVEM ser lidas.

Os apontamentos dados pela comissão de referências sobre os sintomas contemporâneos, a ética da psicanálise, o desejo do analista e as diversas possibilidades de interpretação, terminando com os testemunhos de passe, nos trazem uma certa esperança do Bem-feito do supereu.

Boa leitura a todos!

... ler o eixo 3: Paradoxos do Goze! na cultura

Rômulo Ferreira da Silva (AME EBP/AMP)
Eliane Costa Dias (Membro EBP/AMP)
*Participantes da Comissão de Orientação das
XIV Jornadas da EBP-SP*



Imagem: (alexandre-dinaut-unsplash.com)

No trabalho de pesquisa e no debate realizados até aqui sobre o tema das XIV Jornadas da EBP-SP, entendemos que o supereu remete a um “funcionamento” que, assim como o sintoma, tem um núcleo real, opaco e indizível, efeito da incorporação da linguagem sobre o corpo vivo. A experiência analítica mostra que essa *instância*, que itera em um circuito contínuo, pode operar não apenas como comando mortificante, mas também como via para uma reorientação do gozo. Essa via seria um dos “bem-feitos do supereu”. No dispositivo analítico, a própria estrutura imperativa da linguagem pode, sob transferência, ser colocada a serviço de uma separação do sujeito em relação ao circuito do gozo. Há uma relação entre a regra fundamental e o princípio do prazer (PP), princípio da inércia, do mínimo esforço. O supereu, ao introduzir o princípio de realidade (PR), promove um certo movimento, como faz a regra fundamental na análise. Dessa maneira, pode-se dizer, com Lacan¹, que o analista encontra um aliado no supereu.

Como podemos localizar esse funcionamento, e seus efeitos, na Cultura?

1 LACAN, J. *Sur le plaisir et la règle fondamentale - Intervention à la suite de l'exposé d'André Albert*. Texto de Lacan proferido em junho de 1975 e transcrito na edição nº 24 das *Lettres de l'Ecole*.

Desde Freud, o mal-estar na civilização está enlaçado ao funcionamento paradoxal do supereu. Segundo Miller², ainda que concebendo a lógica de funcionamento do supereu como uma via de barreira e de “terapêutica” ao mal-estar, Freud já identificava um circuito paradoxal: para viver na civilização é preciso pagar com a renúncia à satisfação da pulsão; no entanto, o *ceder em seu desejo*, o conformar-se ao grupo, é também a própria fonte do mal-estar. A renúncia ao gozo da pulsão, longe de apaziguar as exigências do supereu, apenas as reforça. Como afirma Delgado: “O legado de Freud com o conceito de supereu é a captação da lei em sua raiz pulsional.”³ Em sua suposta nobreza simbólica ordenadora, a lei impõe um *Tu debes!* inexplicável e tirânico, que não visa ao bem-estar do sujeito, mas à satisfação da pulsão.

Com Lacan, entendemos que esse gozo perdido, “extruído”⁴, retorna ao supereu como um gozo excedente, assumindo a forma de um empuxo ao *mais-de-gozar*, veiculado na voz áfona do supereu sob a forma do imperativo *Goza!*

Miller conclui que o funcionamento da civilização é intrinsecamente perverso: a renúncia ao gozo que ela preconiza como sua condição é, na verdade, um imperativo que se alimenta com o “gozo da renúncia”. Uma “vontade de gozo” que configura um “movimento perpétuo” inerente ao supereu e que estaria no cerne dos impasses crescentes da civilização.⁵

1. O supereu e a Contemporaneidade.

Na leitura de Miller⁶, para Lacan, o discurso é o que faz laço social porque permite limitar e aparelhar o circuito do supereu. No matema de cada um de seus quatro discursos originais, a dupla barra na parte inferior (//) impõe uma barreira ao movimento perpétuo.

O discurso do Mestre (DM) é, portanto, eminentemente civilizador. Constitui a matriz da ordem simbólica e, também, do inconsciente: pela via da articulação significante (S1__S2), o que se produz no patamar inferior é a relação entre \$ e objeto *a*, mas estabelecendo-se uma barreira entre o sujeito e o gozo excedente. O objeto *a* satisfaz o sujeito apenas na moldura do fantasma.

$$\begin{array}{c} \text{D.M.} \\ \left| \begin{array}{ccc} S_1 & \longrightarrow & S_2 \\ \$ & // & a \end{array} \right| \end{array}$$

A emergência do discurso Capitalista (DC), proposto por Lacan como uma mutação do DM,⁷ levanta, justamente, essa barreira. Ao apagar a dupla barra, o DC cria um curto-circuito que estabelece uma “coalescência entre o sujeito e o objeto *a*”, aprisionando o sujeito em um empuxo constante ao *mais-de-gozar*, na forma de uma ligação sem limites a objetos continuamente ofertados e substituíveis (*gadgets*).⁸

2 MILLER, J-A. Jogar a partida. In: *Opção Lacaniana*, nº 90, out./2025, p. 09-24.

3 DELGADO, O. A voracidade do supereu e a violência do Id. In: Laurent, É. [et al.] *A clínica analítica hoje: o sintoma e o laço social*. Buenos Aires: Grama, 2009, p. 35-41.

4 Em *Radiofonia* (1970), Lacan afirma que à intrusão do significante corresponde uma extrusão de gozo. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Zahar, 2003, p. 407.

5 MILLER, J-A. *Op. Cit.*, p. 19.

6 MILLER, J-A. *Op. Cit.*, p. 20-21.

7 LACAN, J. *Do discurso psicanalítico*. [Conferência pronunciada em Milão, em 1972]. Inédito.

8 MILLER, J-A. Clínica de la civilización. In: *El banquete de los analistas*. Buenos Aires: Paidós, 2010, p. 308-309.

$$\left| \frac{S'}{S} \times \frac{S_a}{a} \right|$$

Acompanhando o advento do capitalismo, uma segunda marca fundamental da Contemporaneidade foi apontada por Lacan como a “evaporação do pai”,⁹ localizável no declínio das referências simbólicas tradicionais e na queda dos ideais. M-H. Brousse¹⁰ sugere que uma nova ordem social e subjetiva vem se impondo, caracterizada pelo predomínio do que Lacan denominou, no *Seminário 21: Os não-tolos erram*,¹¹ como *função nomear-para*. Nos tempos que correm, o “ser-nomeado-para uma função” teria se sobreposto à função Nome-do-Pai. Lacan afirmava em seu Seminário que, em função da evolução das famílias, é a mãe quem leva para sua descendência um “nomear para”, mas já apontava ao fato de que, no futuro, o social também teria esse poder, o que só poderia levar ao pior.

Segundo Koretzky¹², numa leitura dessa mesma passagem do Seminário 21, “nomear-se para uma função” indica, decerto, um caminho a seguir, mas este, longe de ser fruto de um desejo engendrado por uma perda de gozo, decorre de uma ordem social caracterizada por um deslizamento pelo imaginário que deixa o sujeito em uma errância, terminando por evocar uma “ordem de ferro” como meio de retorno, no real, do NP foracluído na contemporaneidade.

Essa nova ordem social seria uma das faces contemporâneas do paradoxo do supereu: por um lado, o ideal de um direito ao gozo-todo, para todos, numa versão repaginada do cogito sadiano – *Direito ao gozo, já!* E, por outro lado e ao mesmo tempo, um apelo à lei de ferro simbólica, num retorno a um Pai consistente, na posição tirânica da exceção, dando origem a movimentos segregativos e totalitários, resultando em um incremento do racismo, da violência, das passagens ao ato.

2. Os paradoxos do Supereu na Cultura.

A “ascensão do objeto *a* ao zênite social”¹³ vem produzindo rápidas e complexas transformações na Cultura. Podemos ler diferentes aspectos da subjetividade da época como manifestações do funcionamento do supereu.

2.1 A crença no “sem limites”

Segundo Laurent, Lacan se deparou com o supereu da época permissiva. “Este supereu é insaciável, não cessa de exigir: *Goza!* Podemos ouvir este imperativo no consumismo sem limites, na pornografia generalizada, na busca do prazer máximo a qualquer custo, na busca pela droga definitiva.”¹⁴ Desde esta perspectiva, temos fenômenos clínicos cada vez mais presentes, que vão desde as adições e as compulsões mais frenéticas até as variadas formas de desligamento do Outro e de abolia do desejo, como a “dessocialização adolescente em todos os seus matizes”¹⁵, as vidas assexuadas e uma ampla variedade de ascetismos. Ou seja, um discurso que se estabelece como promessa de liberdade, para, por fim, fazer desaparecer o desejo do um a um.

9 LACAN, J. Nota sobre o pai. In: *Opção Lacaniana*, nº 71. 2015, p. 7.

10 BROUSSE, M-H. *Modo de gozar em feminino*. Olivos/Paris: Grama/Navarin, 2021.

11 LACAN, J. O *Seminário*, livro 21: *Les non-dupes errent*. Inédito.

12 KORETZKY, C. Du nouage par le social. In: *Gourmandise du surmoi. Mental - Revue Internationale de psychanalyse*, nº 50, nov./2024.

13 LACAN, J. Radiofonia. In: *Outros Escritos*. São Paulo: Zahar, 2003, p. 411.

14 LAURENT, É. El psicoanálisis como respuesta a lo real de hoy. In: *Cythère?*. 2025, v. 7, p. 3.

15 *Ibid.*, p. 4

Laurent toma como exemplo paradigmático o *Chemsex* (*Chemical Sex*) - termo usado para descrever o uso intencional de certas substâncias psicoativas antes ou durante a atividade sexual, muitas vezes grupal, que reduzem as inibições e aumentam drasticamente a libido e a resistência física. O gozo não-todo do corpo do Outro e do corpo próprio é substituído pelo gozo da parceria com a substância.

2.2 O empuxo às identificações

Na ausência dos ideais da tradição, o levantamento da barra de impedimento, marca do matema do DC, produz outra poderosa conexão – entre o S1 (significante mestre que suporta/impõe as identificações) e o objeto *a* (mais-de-gozar). Nos tempos que correm, assistimos a um intenso movimento de aderência a grupos identitários: sujeitos que se unem a partir de um traço em comum, o mais variável (crença, gênero, raça, gostos etc.), se *con-formando* à identidade forjada no coletivo.

Daniel Roy destaca que essa coalescência entre identificações coletivas e objetos-mais-de-gozar acaba por prescrever condutas e comandar as relações entre os sujeitos. “A experiência analítica nos revela que alojar-se sob um significante mestre, se isso parece dar abrigo aos sujeitos, não acontece sem que se cobre uma taxa exorbitante debitada do vivo, ainda mais exorbitante porque a ordem é anônima.”¹⁶

Por outro lado, a clínica também nos mostra que, para muitos sujeitos, chegar a montar uma identidade (uma identidade de gênero, por exemplo), servindo-se das insígnias e dos semblantes disponíveis no coletivo, pode ser a via de suplência, o “grampo” que possibilita o enodamento de RSI e uma posição na existência e no laço social.

Por essa via, o comando superegóico pode ser considerado como um benfeito, uma benfeitoria, já que empurra os sujeitos, agora inseridos em um “corpo”¹⁷, a um coletivo que se fortalece e sustenta a relação com o gozo e algum lugar no laço social. Miller aponta para esse lado, conciliando o bem-feito com o que pode ser posto como acolhimento e amparo:

Não pensamos o supereu apenas como um mestre feio e sério que diz ‘tem que trabalhar!’. O supereu é um ser amável... o supereu é uma alcova. O supereu não somente tem função punitiva, como também função de doçura, não é apenas a figura obscena e feroz, da qual Lacan fala também.¹⁸

Porém, sabemos que tomar o supereu pela vertente amável se trata sempre de uma armadilha (*piège*), pois, sua gulodice não cessa. Libera o gozo para alguns que ficam apaziguados por algum tempo, mas exige mais e mais, gerando a imposição desse gozo ideal de modo agressivo e o rechaço radical daqueles que não o compartilham. Bem-feito!

Nos últimos tempos estamos bem familiarizados com os ataques que podem ocorrer via cancelamento, potencializados pela extensão e pelo anonimato assegurados pelos meios digitais. Observamos na clínica a chegada de sujeitos que se angustiam diante da exigência do coletivo ao qual estão vinculados por não corresponderem ao que o grupo denuncia e reivindica. O sujeito se divide porque admira e detesta características do grupo ao qual se insere, ao mesmo tempo em que admira e detesta outras tantas nos grupos que se vê obrigado a rechaçar.

16 ROY, D. O supereu contemporâneo. In: *Curinga*, nº 41, jan.-jun./2016, p. 111-122.

17 LACAN, J. *Pequeno Discurso aos Psiquiatras*. 1967. Inédito.

18 MILLER, J-A. Sobre Kant com Sade. In: *Lacan elucidado*. Rio de Janeiro: Zahar. 1997, p. 169.

Roy¹⁹ alerta, ainda, para os efeitos do empuxo às identificações com as nomeações oferecidas pelos manuais de classificação de doenças e pelo discurso da ciência. “*Sou bipolar, autista, TDAH, depressivo...!*” Impulsionado pela poderosa produção da indústria farmacêutica, esse movimento tem o efeito de “fazer calar o sintoma”.

2.3 A degradação da palavra

Em tempos de prevalência do S1-sozinho, inerte e não dialetizável, constatamos na Cultura uma absoluta degradação da palavra, seja pela via da pura vociferação, seja pela falta de implicação com o valor de verdade ou com as consequências no uso da palavra. A velocidade e a ferocidade das redes sociais e do campo virtual acabam por impor um esvaziamento da palavra atrelado a uma superinflação da imagem. “A incidência do discurso capitalista na vida cotidiana provoca uma elisão da dimensão metafórica das palavras. A promessa de um discurso, de um modo de vida sem restos, eficiente e asséptico, esgarça a teia de palavras esparsas, perdidas e equivocadas que nos constituem.”²⁰

3. O discurso analítico.

Qual a possibilidade de subversão da psicanálise em um tempo em que prevalece uma espécie de utilitarismo do gozo que se une a um utilitarismo do saber sustentado pela ciência tecnológica?

Miller nos lembra que à psicanálise cabe afrouxar o domínio do supereu, operando sobre o “gozo da renúncia”. O que não significa permissividade. Pelo contrário. “A via da psicanálise também passa pela renúncia – renúncia das identificações, renúncia da falta-a-ser que justifica e convoca essas identificações”.²¹

Em seu último ensino, Lacan nos aponta uma política para a psicanálise – a política do sintoma. Cabe à psicanálise sustentar, no um a um de sua prática clínica e em seu discurso na Cultura, um movimento que permita “separar os significantes mestres dos objetos mais-de-gozar, assim como fazer aparecer o forçamento que os faz se manterem juntos e que nutre a gulodice do supereu”.²² Interpor entre o S1 e o mais-de-gozar um enigma, uma questão que instaure o “tempo de compreender”. Sustentar intervenções que incluam no cálculo contemporâneo a dimensão do furo, do impossível, do limite e da finitude, do não-todo próprio da lógica feminina.

4. A arte.

O artista, estando sempre à frente do psicanalista²³, pode nos alertar sobre o que acontece quando eles se conformam, ou são conformados, em grupos que tentam aproximar suas obras sob um rótulo, um movimento que se consolida, a partir do que é recolhido de suas produções no *après-coup*: impressionistas, expressionistas, surrealistas.

O que se constata, logo em seguida a essa nomeação, é a ruptura do que está posto como comum entre eles. Mesmo que se particularize um conjunto de artistas por traços, formas, ou outras referências

19 ROY, D. *Op. Cit.*

20 GRILLO, C. Modos de uso da transferência. Dos restos, uma borda possível. *Artefato*, nº 2, Boletim da 28a Jornada da EBP-MG. Disponível: <https://www.jornadaebpmg.com.br/2026/portfolio/bricolagem-modos-de-uso-da-transferencia/>

21 MILLER, J-A. *Op. Cit.* nota 1, p. 17.

22 ROY, D. *Op. Cit.* p. 120.

23 LACAN, J. Homenagem a Marguerite Duras. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 200

no modo de expressão das artes, resulta a afirmação singular de cada um. Ou ao menos àqueles que estão à altura de sustentar o que de sua época lhes atravessa.

No entanto, há uma mudança inaugurada na arte contemporânea, que Marie-Hélène Brousse localiza, a partir de Marcel Duchamp, ao propor que o objeto de arte deixou de ser algo a ser interpretado. Ao contrário, a arte interpreta o real, não pela via de dar-lhe sentido, mas pela “deslocalização” - do objeto olhar e do olho. *A arte contemporânea tenta reduzir o objeto ao real que ele é. É uma interpretação pelo real*²⁴. Não se sabe onde está o olhar e, conseqüentemente, não se sabe o que se deve ver, o que há para ver, onde está a obra.

Podemos acompanhar a proposição de Brousse quando, seguindo Miller²⁵, aponta para a quebra do enquadre da obra, “mas também para a inserção do artista na série dos objetos que produz e os nomes que vêm no lugar do significante mestre”²⁶. Nas performances, por exemplo, é o artista que se constitui como o objeto de arte.

A deslocalização do objeto, a operação pela via do sem-sentido, do fazer-ressoar no corpo, pode servir de orientação ao trabalho do analista na clínica. Quanto a esse ponto, optamos por apresentar um recorte de alguns minutos do incrível trabalho de Marina Abramovich na performance “Ritmo 0”.

Finalizando...

A singularidade do inconsciente que cada analista acolhe e suporta em sua prática só pode ter voz e, talvez, alguma força, se os senhores analistas lhe derem lugar em sua escrita, em seus testemunhos da experiência na clínica. Nos dias de hoje, escrever o que a clínica ensina não é apenas vivificar a conversação que anima nossa comunidade analítica. É uma forma de resistência!

Esperamos, entusiasmados, o envio dos trabalhos para nossas Jornadas.

UM PRODUTO DA CULTURA

Em 1974, **Rhythm 0**, da artista sérvia Marina Abramovic, deu um passo a mais nos limites da arte performática. Foi uma performance de arte de resistência com seis horas de duração, realizada em Nápoles, na Galleria Studio Morra.

Na performance, a artista permanecia parada e o público era convidado a fazer com ela o que quisesse. Havia uma mesa com 72 objetos expostos. Dentre eles havia alguns que poderiam gerar prazer ao serem usados para tocar a artista colocada em posição de objeto, e outros que poderiam causar sofrimento: perfume, pão, vinho, pena, prego, tesoura, bisturi, uma arma de fogo e um projétil.

Artista e público ocupavam o mesmo espaço físico não havendo um espaço delimitado e separado para o posicionamento dela. Essa disposição, portanto, incluía o público na obra de arte. Abramovic, aberta à experimentação, queria saber até onde o público poderia ir diante do convite de fazer o que quisesse com os materiais e aquele corpo exposto, sob uma informação: “Eu sou o objeto. Durante este período, assumo total responsabilidade.”

24 BROUSSE, M-H. Arte y psicoanálisis: dos prácticas de la interpretación. In: *El Superyó: del ideal al objeto. Perspectivas políticas, clínicas y éticas*. Córdoba: Babel Editorial, 2012.

25 MILLER, J.-A. Las cárceles del goce. In: *Conferencias Porteñas 2*. Buenos Aires: Paidós. 2009, pág. 245.

26 BROUSSE, M-H. *Op. Cit.*, p. 84.

Conforme a performance progredia, as reações do público aos objetos começaram a evoluir. Inicialmente, os participantes hesitavam em usar qualquer um dos itens perigosos apresentados. No entanto, com o passar do tempo, o público foi se tornando mais ousado e passou a usar os objetos que pudessem testar se Abramovich resistiria ou reagiria aos toques mais íntimos ou à dor.

Durante as seis horas de exposição, tiraram suas roupas, tocando seu corpo de forma inapropriada. Objetos foram usados para cortar suas roupas e sua pele. Fizeram um corte em seu pescoço e algumas pessoas chegaram a beber seu sangue. Um homem carregou a pistola, colocou o dedo dela no gatilho e manipulou seu corpo para que a arma ficasse apontada para seu pescoço.

Foi um momento tenso da exposição, mas a artista permaneceu imóvel.

Em uma entrevista em 2009, portanto, trinta e cinco anos após o evento, Abramovic disse: “A experiência que tirei deste trabalho foi que, em suas próprias performances, você pode ir muito longe, mas se deixar as decisões para o outro, você pode ser morto.”²⁷

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=973vrGzYiSc>

CÁPSULAS

1. Supereu aliado do analista;
2. Separar o sujeito do circuito do gozo;
3. O gozo excedente do supereu;
4. A função da nomeação;
5. A lei de ferro;
6. Paradoxos do supereu na cultura;
7. Adições e compulsões: o desaparecimento do desejo;
8. A dupla via contemporânea das identidades;
9. A arte interpreta o real;
10. Na clínica, hoje: deslocalizar o objeto, operar o sem-sentido, fazer ressoar o corpo.

27 ANTHONY, E. A. The violent viewer: Rhythm O and subjecting oneself to dehumanization. The Harvard Crimson, march/2023(tradução livre). In: <https://share.google/Q1xpjfPrOU7N9OwVF>

... dominar o humano?

Adriana Campos
Membro ECF/AMP

Dominar o outro

Desde que “a felicidade se tornou um fator da política”, o mestre contemporâneo assumiu para si a tarefa de administrar o chamado “fator humano”, cujo sofrimento psíquico compromete a eficácia e prejudica a saúde. O lobby *neuro-comportamentalista* se apresenta diante do mestre contemporâneo como o detentor da resposta científica a ser dada para esse sofrimento, de agora em diante compreendido como um “transtorno”, ou mesmo um “transtorno do neurodesenvolvimento”.

Embora se pretenda a mais moderna, essa resposta nada mais é do que uma versão ligeiramente mais complexa do condicionamento pavloviano. O prefixo *neuro* não decorre de nenhuma relação comprovada entre essas práticas e os efeitos neuronais; ele serve apenas para considerar superado o antigo debate psiquiátrico sobre a causalidade psíquica ou biológica das doenças mentais. Somente por brandir o signifiante “cérebro”, essas práticas se autoproclamam científicas.

As terapias cognitivo-comportamentais (TCC) não permanecem menos apegadas ao espírito que as animava desde o início: foram, sem dúvida, as experiências de laboratório com animais que despertaram em alguns a ambição de manipular da mesma maneira seus semelhantes. John B. Watson, um dos fundadores do *behaviorismo*, afirmava: “Deixe sob minha responsabilidade uns 10 bebês saudáveis [...] e garanto escolher algum aleatoriamente e treiná-lo para tornar-se especialista em qualquer área, seja um médico,



Imagem: (fan-yang-unsplash.com)

um advogado, um artista, um empresário, [...]”¹. Segundo ele, o comportamento humano seria inteiramente moldável de acordo com a vontade do experimentador.

Um supereu experimental

Quando, ao aplicar métodos educativos do tipo ABA, se busca reforçar positivamente um comportamento, se oferece à criança uma *recompensa*: ela faz o que queremos e, em troca, lhe damos algo gostoso para comer... um doce, um chocolate, um pedaço de bolo. Dá-se a ela algo que lhe proporcionará *prazer*. Nada de mais natural! Mas será que permanecemos, ainda assim, no âmbito do princípio do prazer? Não é tão certo. A esse respeito, J.-A. Miller observa:

Quando Skinner, em sua célebre experiência, estimula os centros de prazer do rato e faz com que ele descubra que, ao apoiar sua pata sobre uma alavanca, pode obter este ou aquele prazer, o que observamos? Que o rato está tão capturado por esse prazer, que sacrifica até os seus interesses vitais. [...] fica tão louco de prazer, que termina morrendo de prazer.²

No dispositivo skinneriano, o prazer engendra seu mais-além, inclusive nos ratos. Essa experiência desnaturaliza os animais, introduzindo uma desregulação dos instintos: um prazer que exige sempre mais prazer, conduzindo o rato até a morte. Pela gulodice que o dispositivo desperta nele, o rato de Skinner se afasta do regime dos instintos: ele se humaniza, encontra até mesmo o imperativo do gozo e, com ele, a pulsão de morte.

Impossível de dissociar da civilização e do dispositivo linguageiro que a sustenta, toda ação humana engendra o seu supereu. Daí a necessidade de interpretar os discursos que determinam a subjetividade de nossa época.

O indomável?

Assim como a linguagem e a civilização, a experiência de Skinner produz a desregulação dos interesses vitais. No entanto, há aqui uma diferença importante: o rato, ao contrário dos humanos, não sabe que vai morrer. O ser humano é aquele que pode escolher correr o risco de morrer, só por um prazer.

Em *Kant com Sade*, Lacan menciona um exemplo instrutivo dado por Kant, bastante próximo do prazer mortal dos ratos de Skinner:

Suponham alguém que alegue não poder resistir a sua paixão quando o objeto amado e a oportunidade se apresentam; será que, se lhe houvessem erguido um cadafalso em frente à casa em que ele encontra essa oportunidade, para nele o acorrentar tão logo houvesse saciado seu desejo, ainda lhe seria impossível resistir a este?³

Kant, evidentemente, considera que qualquer pessoa, em tais circunstâncias, escolheria preservar a própria vida em vez de realizar sua paixão. Lacan, por sua vez, destaca que “nenhuma ocasião precipita

- 1 WATSON, J. B. (1930). *Behaviorism*. apud SCHULTZ, D. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005, p. 272.
- 2 MILLER, J.-A. *Seminários en Caracas y Bogotá*. Buenos Aires: Paidós, 2015, p. 143.
- 3 KANT, E. *Crítica da razão prática*. apud LACAN, J. *Kant com Sade*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 792-793.

alguns com mais certeza para seu objetivo do que vê-lo oferecer-se ao desafio, ou mesmo ao ultraje do cadafalso”⁴. O ser humano é esse ser desregulado que pode decidir não se submeter aos imperativos da preservação da vida, e isso não apenas por razões morais, como supunha Kant, mas também por desejo, ou mesmo por puro desafio, por puro capricho. Em sua dialética do senhor e do escravo, Hegel compartilhava, aliás, da mesma posição: o campo do humano só se abre a partir do momento em que se liberta da servidão à preservação da vida.

Há ainda outro aspecto que distingue o ser humano do rato skinneriano: para humanizar ainda mais o rato, seria necessário que ele passasse a sentir igual fascínio pelo botão que desencadeia a dor. É a repetição insensata daquilo que é doloroso que levou Freud a postular a existência da pulsão de morte: manifestação de um traço indelével e indomável que se repete. Em nossa clínica, encontramos, de fato, numerosos sujeitos que, contra a própria vontade, trabalham para fazer mal a si mesmos.

O inadaptável, o ineducável no homem, não se situa apenas como resistência do sujeito à vontade de um mestre que desejaria, para o seu bem, controlá-lo. O inadaptável se situa, sobretudo, no nível daquilo que o próprio sujeito não domina em si mesmo.

O avesso do grande homem

Paralelamente ao entusiasmo contemporâneo pela ampliação da experiência skinneriana aos seres humanos, uma das figuras eminentes do supereu que vemos emergir em nossos dias é, precisamente, a do “mestre/senhor de si”. O “mestre de si” opera sobre a divisão do sujeito entre si mesmo e seu senhor. O eu torna-se, assim, o escravo de um senhor no interior de si. Um escravo que deve, por exemplo, estar sempre performando diante de um “empreendedor de si” que comanda. Seja, ao mesmo tempo, o experimentador e o rato! Seja, ao mesmo tempo, o experimentador e o rato, o déspota e o servo!

Em um surpreendente texto, intitulado *Vicissitudes do valete*, J.-A. Miller retoma essa questão transpondo o supereu para as coordenadas da comédia clássica – na qual a cena não se desenrola entre o senhor e o escravo, mas entre o senhor e seu valete.

Jogando sua partida diante das grandes questões da vida, da morte, da história etc., o senhor se leva muito a sério. No entanto, ele possui um parceiro inseparável, o valete, a quem Miller faz falar da seguinte maneira: “*Olhem minhas asas, eu sou amor, eu sou obediência, eu sou serviço, eu digo sim, eu ajo sob comando, eu estou ao teu lado, ó, meu senhor, a máquina viva destinada a cumprir tua vontade*”⁵. Ele se apresenta dizendo: “Eu executo prontamente, eu corro, eu voou. É assim quando se olha para suas asas. Mas olhem suas patas, [observa Miller]. Ele arrasta os pés, sabotagem, esquece, negligência, adia, corteja, engana e se engana”⁶. Miller conclui: “Ao mesmo tempo muito esperto e muito desajeitado, ele faz apenas o que lhe dá na cabeça, e não na do senhor”⁷. O valete, artista da trapaça e da malandragem, revela a verdade do senhor: revela seu gozo. Afinal, por que ele escolheria sua companhia, senão por que o valete desvela o ser de gozo do senhor? *Não há grande homem para o seu valete de quarto.*

Graças ao valete, aquilo que está escondido por trás das nobres intenções do senhor vem à luz e, além disso, provoca o riso. Mas quem ri? Não é o eu-senhor, lugar do desconhecimento, sempre enganado.

4 LACAN, J. Kant com Sade. *Op. cit.*, p. 793.

5 MILLER, J.-A. *Vicissitudes du valet*. In: *Ornicar?* Revue du Champ freudien. Paris: Navarin, n. 59, nov. 2024, p. 164.

6 *Idem, ibidem.*

7 *Idem, ibidem.*

Tampouco é o valete, que sabe e faz rir. Quem ri é o público, que assiste a toda a cena. É precisamente nesse lugar que Miller situa o supereu. Toda essa comédia – que é a comédia de cada um com seu gozo e seu *páthos* – existe apenas para fazer rir o supereu: “O supereu é um brincalhão, um gozador, um farsante. Sem dúvida, vocês não estão acostumados a considerá-lo dessa maneira. Isso porque vocês veem o senhor sem ver o valete”⁸.

Essa é a boa notícia, diz Miller. O supereu não está necessariamente condenado a encarnar um mestre severo. Com efeito, como poderia a psicanálise obter um ganho de liberdade, se não operasse no nível do gozo? Uma vez evidenciado o jogo do valete, a vida pode muito bem revelar seu aspecto cômico e o supereu se mostrar um espectador pronto para cair na risada.

*Tradução: Gustavo de Oliveira Menezes
Revisão: Camila Popadiuk*

... nem bem... nem mal

*Observações sobre o
supereu: sua função na
constituição do sintoma.*

Luis Fernando Carrijo da Cunha

AME EBP/AMP



Imagem: (eduard-delpitte-unsplash.com)

Da noção de supereu descrita por Freud desde o deslocamento operado da primeira para a segunda tópica, estabelecida em 1923 em “O eu e o isso”¹, destaco dois aspectos que a meu ver, são fundamentais quanto a participação do supereu na constituição do sintoma. Em primeiro lugar destaco a conexão direta que faz Freud do supereu com a função paterna e com o Complexo de Édipo, na medida em que faz daquele o herdeiro deste. A dissolução do Complexo de Édipo dá lugar ao Supereu como fator fundamental na subjetivação da lei e do desejo. O desejo se instaura mediante a falta de objeto com a possibilidade de subjetivação da linguagem operada pela função paterna. Desse modo, o supereu ficaria, em sua função, na dependência da instauração da metáfora paterna como balizador do desejo – “...O supereu retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o Complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir ao recalque (sob a influenciada autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura) , mais severa será a dominação do supereu sobre o eu, sob a forma de consciência ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa.”² Vemos aí muito claramente uma função do supereu estabelecida por Freud como sendo a de uma instancia que constitui a lei moral num certo regime de “proibições” que compõem o recalque. Ora, nesse sentido, o sentimento inconsciente de culpa seria, já, o prenuncio da formação sintomática ligada muito diretamente ao

1 FREUD, S. – O eu e o isso [1923]. In: *Obras Psicológicas Completas*, vol. XIX, Imago, p. 15 e segs.

2 *Ibid*, p. 47.

pai morto e a emergência do desejo, ou seja, Freud deixa entrever que a função paterna, deixa um “resto” em sua operação que será o responsável pela manutenção de um certo circuito. Veremos, mais adiante, que Lacan tirará proveito dessa lógica e fará nela uma leve torção, não sem considerar o que está em jogo quanto a entrada do sujeito na linguagem. Contudo, para nos atermos na base freudiana do supereu, o sintoma se dará, a princípio, como retorno do recalcado e mais tarde Freud deixará registrado o que ele mesmo chamará de “restos sintomáticos” que, enquanto tal, vão além do retorno do recalcado. Ou seja, nos restos sintomáticos já existe a participação da satisfação pulsional.

Em segundo lugar, Freud apresenta o supereu como uma fonte do poder de dominação, isto é *“a fonte de seu caráter compulsivo, que se manifesta sob a forma de um imperativo categórico.”*³ Mas, se *“a verdadeira função do pai é unir um desejo à lei.”*⁴ – seu herdeiro demonstra, numa certa medida, um certo fracasso em que o imperativo categórico aponta para um mais além do desejo. Aqui tomamos mais de perto a trilha deixada por Lacan com respeito ao supereu e, com efeito, ele parte precisamente da articulação da Lei com seu limite estrutural. Lacan encontrará no imperativo categórico uma fonte mais próxima da constituição sintomática, tanto na civilização quanto no sujeito. Em *Kant com Sade*⁵, texto escrito em 1962, ele parte da interrogação da lei moral em relação ao bem e ao princípio do prazer: *“O princípio do prazer é a lei do bem... Na prática, ele submeteria o sujeito ao mesmo encadeamento fenomênico que determina seus objetos. A objeção que Kant faz a isso é... intrínseca. Nenhum fenômeno pode prevalecer-se de uma relação constante com o prazer. Não se pode enunciar nenhuma lei de tal bem, portanto, que defina como vontade o sujeito que a introduz em sua prática.”*

*“Assim, a investigação do bem seria um impasse, se ele não renascesse, o bem que é o objeto da lei moral. Ele é apontado pela experiência que temos de ouvir dentro de nós ordens cujo imperativo se apresenta como categórico, ou seja, incondicional.”*⁶ Essa interrogação de Lacan quanto ao bem e ao prazer, nos remete, em sua leitura, à renúncia pulsional a que o sujeito é levado diante da incondicionalidade do imperativo que está na base da lei moral. O imperativo categórico Kantiano visa a ação do sujeito que vá em direção a um valor universal, portanto, o “fator civilizador” da lei moral está em conexão direta com uma ação que seja exemplar. Mas, onde Lacan faz Kant encontrar Sade? Onde *“A crítica da razão prática”* encontra a *“Filosofia na Alcova”*? É, no mínimo curioso, quando tentamos seguir Lacan nesse texto indo em direção de uma construção lógica que parte de dois imperativos categóricos: O Kantiano e o Sadiano. Aquele impondo em sua condicionalidade uma moral que possa alcançar um valor universal, ao passo que este, formula seu imperativo visando o prazer absoluto, também com um valor universal, retirado do uso de um corpo – ou seja, é de um imperativo de direito ao gozo que a Filosofia na alcova parte. E Lacan observa: *“... sabemos agora que o humor [fazendo referência ao humor negro que estaria contido no imperativo sadiano] o humor é o trânsfuga da comicidade da própria função do supereu – o que, para animar com uma metamorfose essa instância psicanalítica e arrancá-la do retorno do obscurantismo em que a empregam nossos contemporâneos, pode igualmente apurar o sabor da prova kantiana da regra universal com a pitada de sal que lhe falta.”*⁷ Aqui está o ponto de encontro: Sade dá o tempero a Kant e o nome disso é o “Supereu”. A questão é tanto mais complexa quanto se adentra o texto de Lacan – Digamos, à guisa de uma melhor tentativa de compreensão que, o gozo, em sua impossibilidade estrutural, se apresenta no imperativo categórico como o anzol que fissa a própria impossibilidade – Ele se alimenta da renúncia pulsional que se instaura como condição da

3 *Ibid.*

4 LACAN, J. Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*, J. Z. Editora – Rio de Janeiro, 1998, p. 839 (1º parágrafo)

5 LACAN, J. Kant com Sade. In: *Escritos*, J.Z. Editora – Rio de Janeiro, 1998, p. 776 (e seguintes)

6 *Ibid.*, p. 777 (3º e 4º parágrafos.)

7 *Ibid.*, p. 780 (4º parágrafo.)

lei moral. A lei moral, por sua exigência de renúncia, faz o gozo encontrá-la no contrapé. É como “vontade de gozo” que Lacan estabelecerá a lógica do funcionamento do supereu enquanto um circuito ininterrupto.

Para além das compulsões, muitas das quais caracterizam muitos dos sintomas presentes em nossos dias, é preciso levar em conta esse aspecto de retroalimentação da qual se sustenta o supereu. Sua insaciabilidade está vinculada à produção de uma fantasia que liga o sujeito a um objeto. Ou seja, lá onde o objeto falta e que dá a razão do desejo, ali mesmo um objeto é criado pelo sujeito para que sua existência seja avalizada pelo Outro. Um Outro que não existe e que só ganha valor, sua inexistência, numa análise que faz emergir o impossível do gozo onde se encontra a chance de interromper o circuito infernal do supereu.

Servir-se do sintoma não é servir-se do objeto, é, antes, servir-se de seu esvaziamento dando lugar ao *sinthome* implicado no corpo. O discurso analítico, ao contrário do circuito imposto pelo supereu, inclui a barra do impossível fazendo esvanecer a crença no ilimitado.

Nesse sentido, eu arriscaria a dizer que o supereu é uma espécie de tapeação do discurso do mestre pois não deixa de implicar o sujeito, sobretudo na fabricação da angústia. O mal-estar contemporâneo talvez possa nos fornecer um índice da incidência do supereu de maneira mais evidente. O fornecimento de “objetos” é constante e vai em paralelo com a promessa de felicidade, ou seja, o mundo contemporâneo foraclui a barra do impossível fazendo-a retornar no real. Logo, a meu ver não se trata de verificar, tirar a prova, do “bem” ou do “mal” do funcionamento do supereu. Não se trata de benefícios ou de malefícios; se trata, em primeira e em última instância, de gozo e, reduzi-lo ao ponto de impossível é a tarefa do psicanalista.

... interrogar-se

Sérgio Passos Ribeiro de Campos
AME EBP/AMP

Escrevo para o Boletim *Tu debes*, das XIV Jornadas da EBP-SP, cujo título é *Bem-feito, supereu!*, a convite da colega Patrícia Badari, que gentilmente me solicitou que respondesse a uma questão presente no livro de minha autoria *Supereu/Uerepus: das origens aos seus destinos*, publicado em 2014: “A devastação não seria a pura representação da ação do supereu encarnado no Outro?”.

O estudo sobre o supereu nas XIV Jornadas da EBP-SP é bastante oportuno, visto que o entendimento de seu mecanismo na clínica psicanalítica é essencial para estabelecer a direção da cura. Portanto, um estudo que vise esclarecer os mecanismos de ação dessa instância opaca e enigmática é sempre bem-vindo, na medida em que possa despertar o interesse dos analistas com fins de lidar melhor com o supereu tanto de si mesmos quanto de seus analisantes. Ao contrário do que se poderia supor, que a mulher teria um supereu frágil ou ausente, pode-se dizer que ele está presente de forma bem consistente, mas se expressa de maneira distinta no homem.¹

Com efeito, o supereu feminino se manifesta sob a modalidade da devastação. A devastação é a outra face do amor, é o retorno da demanda de amor, o que quer dizer que é como o sintoma, exceto por ter



Imagem: (jeferson-gomes-unsplash.com)

1 CAMPOS, S. *Supereu/Uerepus: das origens aos seus destinos*. Belo Horizonte: EBP, 2014. p. 206.

um índice infinito, pois o sintoma tem qualquer coisa de localizado, elementar, que tem sua estrutura do lado masculino.²

Enfim, é através do supereu materno, do Outro primário, que a criança estabelece sua dependência da demanda, pois, no fundo, por trás desta, mais arcaica, está a de amor, como demanda absoluta. Portanto, são as relações de amor e de ameaça de perdê-lo que organizam as leis da linguagem para o sujeito. No que concerne à devastação feminina, vale dizer que o supereu se encontra na função de pivô que articula toda a engrenagem.

Grosso modo, a devastação é constituída em quatro etapas. A primeira se refere à demanda de amor da filha endereçada à mãe, que se expressa mediante o real fora do simbólico e tem o seu caráter potencialmente ilimitado. Em seguida, esse amor não é recíproco, ao contrário, já que ele retorna pelo avesso, sob a forma da devastação da mãe em relação à filha. Na terceira etapa, esse mecanismo é assimilado pelo supereu da filha, que passará a devastar a si mesma. Por último, a menina, agora mulher, projeta esse mecanismo superegoico no parceiro, de modo que ele se torna o parceiro-devastação. Não importa quantos parceiros essa mulher terá, pois, no decorrer do tempo, eles serão acionados por esse Outro feminino inconsciente como parceiros-devastação. Portanto, sob o postulado de que “não há relação sexual”, pois o gozo é do *um* e não se comunica,³ o sujeito feminino apoia seu supereu no parceiro para efetuar sua própria devastação.

A fim de atender à proposta de Patrícia, recorri a três fragmentos de testemunhos de colegas AE, particularmente mulheres, que gentilmente colaboraram para responder à questão sobre qual seria o destino do supereu no final de uma análise para o livro *Supereu/Uerepus: das origens aos seus destinos*.

O primeiro fragmento se refere a Beatriz Udênio, que relata: “Na experiência, colhi o que postula Lacan de que um homem pode ser uma devastação para uma mulher, e não um sintoma. Então, cada mulher deve tecer o seu sinthoma de alguma maneira que não seja exclusivamente pela via do parceiro. Pelo menos não se deve pesar sobre ele a solução gozosa que ela não suporta. Ao que parece, a pulsão de morte e o gozo estão coesos em diversas ocasiões sublimes. É necessário deslindar uma suposta grandiosa satisfação que levaria ao gozo feminino, como se pudesse ficar a salvo do penar íntimo de todo o gozo. Portanto, quanto mais demasiado, exaltado e esplêndido, mais se aproxima da devastação, em virtude das afinidades da gula e do ‘Sim’. No meu caso, a escrita bordeja, delimita, circunscreve e encontra sua localização para o estrangeiro-íntimo do gozo e da linguagem”.

No segundo fragmento, Marina Recalde narra o seguinte: “Houve uma permuta fundamental concernida ao peso do supereu, que permanecia presente no seu laço com o Outro, a quem havia consagrado na tentativa de calá-lo e acalmá-lo. Mas nada era suficiente, pois me localizava na espera do Outro que demandara, de modo sofrido e repetido, sem medir as consequências. Com o fim da análise, pude nomear um novo laço, sob a forma decidida, evidenciando o circuito pulsional que havia armado e que, agora decidida, poderia dizer ‘sim’ ou dizer ‘não’. Afinal, pude encontrar e inventar outro modo de dizer ‘sim’, um ‘sim’ desejante e causado, e não mais submetido às coordenadas do amor, nem do supereu, tampouco das exigências desmedidas do Outro cruel que me havia armado”.

2 MILLER, J.-A. *O osso de uma análise*. Salvador: Agente, 1998. p. 115.

3 MILLER, J.-A. *El ultimísimo Lacan. Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Tradução de Stéphane Verley. Buenos Aires: Paidós, 2013. p. 238.

... ler sobre devastação

*Devastação: um nó entre amor e
supereu*

Licene Garcia

Coordenadora da Comissão de Artes das XIV Jornadas da EBP-SP

Milena Vicari Crastelo

Membro EBP/AMP e participante da Comissão de Artes das XIV Jornadas da EBP-SP

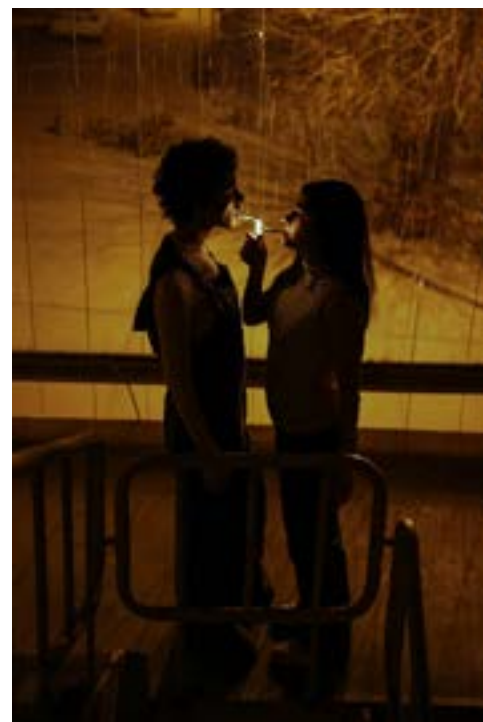


Imagem:(lhon-karwan_unsplash.com)

“A devastação ocorre quando o supereu ama,
com seu amor paradoxal,
com seu amor louco”¹

*A pior pessoa do mundo*² (Joachim Trier), filme lançado em 2021, traz uma narrativa organizada como um livro, se dividindo em: um prólogo, doze capítulos e um epílogo. Julie (Renate Reinsve) é uma jovem mulher prestes a completar 30 anos que parece viver sob a égide do imperativo de gozo. Ao mesmo tempo que tudo é possível, nada é possível: muda de curso universitário diversas vezes, experimenta diferentes identidades profissionais e estabelece relacionamentos amorosos marcados pela busca incessante de algo que finalmente a complete. Cada nova experiência é investida como promessa de uma satisfação definitiva, mas rapidamente se transforma em decepção, perde seu brilho, e ela vai em busca de outra escolha, e de outra, e de outra, dando lugar à sensação de insuficiência. Conhece Askel (Anders Danielsen Lie), um homem mais velho, bem-sucedido, que deseja esta-

1 CAMPOS, S. *Supereu: das origens aos seus destinos*. Belo Horizonte: EBP, 2015, p. 206.

2 Filme disponível no streaming Amazon Prime

bilidade. Logo vão morar juntos. Após sair sozinha do evento feito por ocasião da publicação do livro de Askel, Julie entra de penetra em uma festa e conhece Eivind (Herbert Nordrum), um jovem descompromissado com quem passa a noite toda conversando. Deste encontro contingencial, Julie se vê confrontada com seu sintoma e o imperativo supergoico que o acompanha: a necessidade de encontrar uma vida perfeita, um amor ideal e uma identidade definitiva.

Lacan, em *O aturrito*, utiliza pela primeira vez o termo *ravage* para falar da relação entre mãe e filha, mas, sobretudo, para nomear uma exigência sem limites na qual o sujeito feminino pode ficar capturado.

Ravissement é um termo que carrega uma duplicidade. Sua origem está no *ravir*, que significa dano, estrago, mas também significa deslumbramento, encantamento. Não à toa, Lacan também identifica o supereu não somente ao que há de mais devastador, mas ao que há de mais fascinante nas experiências primitivas dos sujeitos.³

Deste modo, a devastação é, para Lacan, um dos nomes para o que fracassa na inscrição da metáfora paterna. Uma das respostas que o sujeito encontra frente ao impossível na troca simbólica com o Outro primordial. A devastação toca no modo singular que cada um interpretou o mal-entendido da língua, uma zona obscura não-toda saturada pelo Nome-do-Pai. Há uma relação estreita entre a devastação e o supereu.

Julie acredita que uma nova escolha, outro parceiro, outra profissão ou outro modo de viver poderão finalmente preencher sua falta estrutural. Entretanto, cada conquista revela apenas a permanência dessa falta, impulsionando uma nova busca. A personagem parece viver à espera de um Outro que não existe, e diante de tal inexistência, faz existir um Outro pela via do supereu, um Outro que diz: Goze!

Marie-Hélène Brousse, em seu texto *Uma dificuldade na análise das mulheres*⁴, nos ensina que o que se reconstrói em uma análise são as particularidades no modo em que cada mulher escreveu a marca do mal-entendido da língua em um tempo primordial da infância, elencando três formas de emergência da linguagem: o insulto, a rejeição e o silêncio. Modos de emergência da linguagem carregam em comum o mesmo elemento: a marcação de um corpo por um significante, por uma experiência de fala que se efetua no momento da descoberta do sexual, fazendo surgir uma resposta de gozo, ante o “x”, que representa o enigma do Desejo do Outro, instaurando para o sujeito a crença inabalável de um Outro consistente não submetido à castração. Assim, o insulto, a rejeição e o silêncio serão modos diferentes de interpretar esse “x”; três modos diferentes aos quais o sujeito está submetido como objeto do Outro.

Sobre isso, Miller⁵ nos esclarece que o supereu, enquanto lei insensata, capricho sem lei, está mais perto do Desejo da Mãe antes de ser metaforizado pelo Nome-do-Pai, na medida em que a Metáfora Paterna é essa primeira nomeação para a criança, do inominável da mulher que há na mãe. Por isso, o que a Metáfora Paterna vem nomear é justamente o real do gozo feminino, que permanece como Outro absoluto, indicando que o pai, como nome, nomeia algo do gozo da mulher na mãe⁶. Daí a proximidade do supereu com o S1 e *lalíngua*, essa linguagem sem sentido, composta de elementos ilegíveis e enigmáticos do gozo materno.

3 LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986, p.123.

4 BROUSSE, M-H. *Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação na relação com a mãe*. In J-A Miller (Org) *Ornicar? De Jacques Lacan a Lewis Carroll*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 62.

5 MILLER, J.A. *Conferencias porteñas: tomo I Desde Lacan*. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 137.

6 FUENTES, M.J.S. *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012, p. 129.

A devastação compõe uma face fálica de reivindicação articulada ao Desejo da Mãe, em que o desejo se reduz à demanda, e uma face não-toda fálica, que se deve ao arrebatamento do corpo, e que está ligada à impossibilidade de simbolizar o gozo não-todo. Assim, em sua vertente reivindicatória, pela demanda de amor, pode aparecer “articulada a uma identificação masculina à qual vem imprimir o contraponto de uma feminilidade insuportável”⁷, surgindo como “um tratamento específico ao fora do discurso implicado pelo corpo”⁸, ali onde “a função fálica aparece como um modo de acesso sem esperança à relação sexual”⁹.

Podemos nos perguntar qual a relação entre supereu e o feminino, na medida em que ambos, tendo uma parte não-toda recoberta pelo simbólico, tornam algumas experiências de encontro com o feminino, algo que venha infiltrado pelo caráter mortificante do supereu. Sabemos que o gozo não-todo é aquilo que toca no que há de vivo no sujeito, mas, por estar situado distante das palavras, tende a sofrer com a intromissão do supereu, que também apresenta uma parte não-toda recoberta pelo simbólico. Desse modo, o estatuto do gozo feminino vem infiltrado pelo imperativo “Goza!”, assumindo, assim, o caráter mortificante próprio do supereu.

Em um ato, Julie termina o relacionamento com Askel e procura Eivind à espera de viver esse amor sem furos com um homem que aparentemente não a faria se confrontar com suas inquietações profissionais, na maternidade e nas relações. Tudo ia bem até que, por um lapso, descobre uma gravidez que faz ruir este ideal. A gestação é perdida e a parceria amorosa também.

Quando o sujeito se encontra sempre com o mesmo é quando o excesso de gozo se liga ao amor, quando as máscaras que velavam o gozo caem, caindo a função de véu necessária que o amor requer: há sempre algo de insuportável nessa revelação. A repetição é um esforço em neutralizar esse mais posto em jogo; é uma tentativa, sempre falha, de outra coisa; nesse sentido, o amor se torna sempre o mesmo. Esse traço da repetição como solução, é a face de rotina do amor [...] o amor como marca está destinado à repetição pela via do significante [...] O amor neste registro fala para si, produz um laço que o dobra sobre si mesmo.¹⁰

É o que nos permite dizer que a devastação pode ser lida como um dos modos de manifestação do supereu na mulher, na medida em que o sujeito se vê fascinado por um gozo que não é possível de extrair uma consistência fálica. Por isso, a questão do corpo ou da perda do corpo entra em cena demarcando a impossibilidade da troca no laço entre as mulheres. E a principal manifestação aparecerá nas parcerias amorosas, visto que a devastação se manifestará pelo insaciável do amor: demanda de amor, em detrimento do desejo. Sobre isso, Lacan é coerente a Freud ao apontar o caráter irredutível da demanda dirigida ao outro, na medida em que o que há nas depreciações da vida amorosa é “o pequeno *a*, substituto do *A* maiúsculo.”¹¹

Na devastação, a demanda de amor dirigida ao Outro tem seu caráter potencialmente ilimitado; tal demanda insaciável retornará sobre a mulher na forma de devastação, e as parcerias amorosas se tornam parceiros-devastação. Desse modo, a devastação é a outra face do amor. Por isso, o verdadeiro pano de fundo da devastação não é o masoquismo, mas a erotomania.

7 BROUSSE, M-H. Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação na relação com a mãe. In J-A Miller (Org) *Ornicar?* De Jacques Lacan a Lewis Carroll. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 63.

8 *Ibid.*, p. 64.

9 *Ibid.*, p. 64.

10 VENTURA, O. O Amor. sempre Outro. In: ALVARENGA, Elisa e MACEDO, Lucíola (orgs.). *Mutações no laço social: o novo nas parcerias*. Belo Horizonte: EBP, 2021, p. 48-49.

11 LACAN, J. O Seminário, livro 10: *A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p.201-202.

A “forma erotômana de amar”¹², é o que Lacan propõe em *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina*; aponta para um modo de amar em que o amor pode adquirir para uma mulher um estatuto fálico, valor de vida ou morte, em que qualquer resposta negativa ou fora do esperado é tomada como um nada, na medida em que o que se espera do Outro é a garantia de seu ser. “Na posição de ou-isto-ou-aqui-lo em que se vê preso o sujeito, entre uma pura ausência e uma pura sensibilidade, não é de se surpreender que o narcisismo do desejo se agarre imediatamente ao narcisismo do ego que é seu protótipo”¹³. Assim, o que se busca nos signos do amor é uma certeza, que aprisiona o sujeito a uma infinitização da demanda. O caráter erotomaniaco do amor se evidencia quando o amor, pela vertente do gozo feminino, está em uma relação direta com o S(A/). Desse lugar, a exigência recai sob o Outro visando um significante que possa nomear seu ser, carregando consigo a exigência de um saber sobre a feminilidade.

Diante do objeto, Julie parece pendular entre essa que se oferece como objeto degradado do Outro, ou em demandar do Outro o objeto: dois lugares em que o objeto permanece em seu estatuto de mais-de gozar.

O amor, por essa vertente, fica preso a uma demanda que visa ao infinito e que pode ter consequências catastróficas quando advém alguma desilusão. “É na dependência da demanda que o objeto *a* se constitui para a mulher.”¹⁴ Por isso, o amor, enquanto essencialmente narcísico, desconhece todos os limites; é um amor que se dirige ao Outro, visando, no outro, o seu complemento. “O amor demanda o amor. Ele não deixa de demandar. Ele o demanda...mais...ainda. Mais, ainda, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda do amor.”¹⁵

Aqui encontramos o paradoxo do amor, terreno fértil da devastação: um amor que se apresenta enquanto uma paixão que ignora o desejo e que, ao encontrar um desfecho fora do programado, faz ruir os semblantes que são um alicerce subjetivo para o sujeito, fazendo aparecer o amor em seu caráter de desmedido, puro *páthos*, paixão do ser, em sua pior versão. O amor, nesse sentido, aparecerá em sua versão predominantemente imaginária, pura demanda que visa ao Outro, um engano que apaga a falta viva que habita o desejo.

Ao afirmar que “o amor é dar o que não se tem”¹⁶, Lacan desloca o amor da lógica da completude para situá-lo como uma tentativa de fazer laço entre sujeitos divididos.

A relação entre Julie e Askel evidencia esse paradoxo. Askel oferece estabilidade, reconhecimento e um projeto compartilhado, mas Julie experimenta esse vínculo também como limite à sua busca incessante por outras possibilidades de gozo; por outro lado, Eivind surge como representante de uma nova promessa de satisfação. No entanto, a mudança de parceiro não modifica a estrutura da parceria. O novo parceiro rapidamente é atravessado pela mesma insuficiência que marcava o parceiro anterior, demonstrando, assim, que o objeto amoroso nunca coincide com o objeto causa do desejo. O parceiro torna-se suporte de fantasias de completude que inevitavelmente fracassam.

Assim, o amor que devasta é este que, quando se perde o objeto amado, sofre-se não tanto pela perda do objeto, mas por vir a se confrontar, novamente, com a falta originária do objeto que era recoberta

12 LACAN, J. *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina* (1960). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.742.

13 LACAN, J. *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina* (1960). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.742.

14 LACAN, J. *O Seminário, livro 10: A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p.221.

15 LACAN, J. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p.12.

16 LACAN, J. *O Seminário, livro 10: A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p.122.

pelo objeto amoroso. Daí a formulação lacaniana de “não haver limites para as concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens.”¹⁷

Lacan nos ensina que “o amor, se é verdadeiro que ele tem relação com o Um, não faz ninguém sair de si mesmo”¹⁸. Com isso, podemos dizer que o amor preso à demanda visa à reciprocidade e não quer saber da solidão do gozo do Um. O amor, enquanto laço com o real, é aquilo que visa algum laço com o gozo do Um sozinho, pois o que está em causa é o objeto *a*, e não o Outro. Assim, não faz ninguém sair de si, pois conhece as condições. Um amor com condições: este é o amor proposto por Lacan em seu último ensino, uma modalidade de amor que leva em consideração as próprias condições como as do outro. Aqui a relação é mediada pelo sintoma e pelo objeto *a*, e o amor é vazio de significação.

Ao saber sobre o adoecimento de Askel, Julie se dedica a cuidar do ex-namorado até o final de sua vida. Ao deparar-se com o real da morte, Julie parece responder de outro modo: lá onde se oferecia ou demandava o objeto, colocando em marcha a repetição, Julie coloca em causa sua relação com a fotografia que durante sua vida estava sempre meio de lado, funcionando como um êxtimo em sua vida.

A posição da psicanálise consiste mais em sustentar que a voz da *super-meutade*, o imperativo mortífero, só é mortífero para aquele que recusa enfrentar a originalidade da posição feminina. Ela não é mortífera senão para aquele que nega a origem do dizer feminino específico, para aquele que nega a incidência direta do Outro. [...] A revolução ética operada por Lacan na psicanálise foi mostrar que, se o supereu é perigoso, não é porque ele interdita, mas porque ele empuxa ao crime. Ele empuxa ao gozo. [...] não se goza senão em excesso e não se deseja o suficiente. Para gozar, não há nenhuma necessidade de se colocar aí.¹⁹

Poderíamos dizer que a mudança de estatuto do objeto olhar pode também esvaziar a consistência do supereu, na medida em que, ao viver em busca do olhar do Outro, o que Julie encontrava não era o amor, mas a devastação? Seria a fotografia o que relança Julie em direção ao objeto como causa, já que coloca em cena o olhar de Julie, e não apenas o olhar do Outro, visto que é em relação à causa que podemos nos orientar, e não em direção ao Outro?

17 LACAN, J. *Televisão* (1974). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.538.

18 LACAN, J. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p.64-65.

19 LAURENT, E. *A psicanálise e a escolha das mulheres*. Belo Horizonte: Scriptum Livros. 2012, p173.

... ir ao teatro

Édipo

Temporada: de 31 de julho a 6 de setembro de 2026.

Horários: sexta e sábado às 20h, domingo às 18h.

Duração: 110 minutos

Local: Auditório do MASP - Av. Paulista, 1578 – 1º subsolo

Onde comprar: https://bileto.sympla.com.br/event/121617?share_id=1



Fernanda Cristina Gomes de Carvalho e Helena Andrade
Participantes da Comissão de Acolhimento e Festa das XIV Jornadas da EBP-SP

A peça Édipo, em cartaz no MASP, não poderia ter vindo em melhor hora para a nossa comunidade analítica! Se, para Freud, o supereu é o herdeiro do complexo de Édipo, para Lacan, é o que funda a ordem simbólica a partir da articulação significante. Desde Freud temos o supereu enquanto guardião da lei que interdita o incesto, mas Lacan avança nessa formulação ao demonstrar que o supereu não apenas proíbe, como também ordena: goze! É justamente essa dimensão paradoxal que a montagem nos apresenta de forma contundente.

Dirigida por Clara Carvalho, com texto adaptado de Robert Icke, a peça transpõe o mito de Édipo para os dias de hoje. Em vez de um rei antigo, Édipo é um candidato à presidência prestes a vencer as eleições em seu país. Porém, poucas horas antes da vitória, três enigmas lhe são ditos por Tirésias, o que o deixa obcecado em descobrir a verdade a qualquer custo. Ao tentar cumprir seu dever e resolver esse mistério, Édipo acaba descobrindo a terrível verdade sobre sua própria origem e seus atos.

O argumento das XIV Jornadas¹ toma o mito de Édipo como ponto de partida para pensar o supereu desde Freud e Lacan até a contemporaneidade. O supereu não é apenas a voz que proíbe ou cobra moralidade; é uma força impiedosa que exige cada vez mais. Mais do que dizer «você não pode», impõe um mandamento invisível e sem limites. A posição mediante aos enigmas que são apresentados, colocada com força nesse Édipo revisitado, nos ajuda a entender o funcionamento do supereu para a psicanálise.

Na versão contemporânea do mito, a obrigação inflexível de saber tudo: “você deve investigar”, conduz Édipo diretamente à sua própria punição. Ao ignorar os apelos de Jocasta para não levantar o véu acerca da morte, a busca obstinada pela verdade transforma-se na própria sentença, fazendo dele, ao mesmo tempo, o investigador e o carrasco de si mesmo.

Édipo não cai por fraqueza, mas por obediência cega ao dever de tudo saber. Quanto mais o sujeito atende às exigências do supereu, mais ele cobra.

Enquanto a peça nos mostra o personagem esmagado pelo peso do dever, a psicanálise nos convida a reconhecer essa voz severa do supereu. Por não conseguir parar de investigar a si mesmo, Édipo aplica a cruel sentença: cega-se furando os próprios olhos. Assim, a razão que lhe era tão cara é destruída por um mandato imperioso, ignorando-se o impossível de tudo saber. Não sem talvez um eco cruel de culpa: “Bem feito!”

1 BATISTA, M. C. D. Argumento “Tu debes”. In: Boletim Tu debes... #01 da XIV Jornadas da EBP (2026). Seção São Paulo.

... se preparar para a Livraria!

Tatiana Vidotti

Coordenadora da Comissão de Livraria das XIV Jornadas da EBP-SP



Imagem: (patrick-tomasso-unsplash.com)

Sem dúvidas, a Livraria das Jornadas é um dos lugares mais esperados por aqueles que, inspirados por São João, comem os livros¹. Nela, os livros e revistas ganham o estatuto de objetos causa de desejo, essenciais à formação dos analistas.

Então, você que vem às XIV Jornadas da EBP-SP, prepare-se!

A Comissão de Livraria está aquecendo os motores com uma curadoria delicada das melhores publicações do Campo Freudiano.

Contaremos com as principais editoras do país para trazer à nossa mesa as últimas traduções de Freud e Lacan, os fundamentais cursos de Miller e as mais novas contribuições dos autores desta época. Também preparamos uma seleção especial de publicações em terras latinas da nossa convidada, Carolina Koretzky.

As revistas, com seus tesouros quase escondidos, não ficarão de fora: os últimos números das publicações que alimentam Seções e Institutos terão lugar reservado, assim como aquele número antigo que faltava em sua coleção!

1 LACAN, J. (1959-1960). O Seminário livro 7 - A ética da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.376.

Prosas e poesias de outros cantos também serão servidas. Não perca!

Anote! A Livraria funcionará das 9h às 18h no dia 16 e das 9h às 14h30 no dia 17... no mesmo local de sempre!

Permita-se aos novos sabores!

... buscar referências



(imagem: kwherzog-dandelion_pixabay.com)

Para este novo boletim, a Comissão de Referências Bibliográficas propôs um fio de leitura que leva em consideração a proposta do Eixo 2 - “A Ferocidade do supereu e o empuxo ao gozo”. Neste fio percorremos do desejo do psicanalista e sua operatividade em nossa época até a interpretação equívoca que toca na significação vazia que ressoa no corpo.

SINTOMAS CONTEMPORÂNEOS

Nos sintomas atuais, o gozo enquanto consumo exige que o sujeito possua um sofrimento em relação a este sintoma para uma experiência com a psicanálise.

“Como Lacan escreveu em ‘A psiquiatria e a guerra’: o que está em jogo é um confronto contra as potências sombrias do superego, que impõem submeter-se e calar-se.”¹

1 SOKOLOWSKI, Laura. *Exercício democrático e fala em psicoanálisis*. Intervenção da Presidente da École de la Cause Freudienne (ECF) no Senado francês em 6 de junho de 2026. Trad. Élide Biasoli Lenci. Site AMP blog. Disponível em: <https://uqbarwapol.com/exercice-democratique-et-parole-en-psychanalyse-por-laura-sokolowsky-presidente-de-lecole-de-la-cause-freudienne-frances-ingles-espanol-italiano-portugues/> Acesso em: 1 ago. 2026.

“[...] os sombrios poderes do *supereu* entram em coalizão com os mais frágeis abandonos da consciência, para levar os homens a uma morte aceita pelas menos humanas das causas, e que nem tudo o que parece sacrifício é heroico.”²

“[...] os pacientes não se satisfazem com o que são [...] eles dão satisfação a alguma coisa [...] mas, estando nesse estado tão pouco contentador, eles se contentam assim mesmo. [...] por essa espécie de satisfação, eles se fazem sofrer demais. Até certo ponto é *sofrer demais* que é a justificativa de nossa intervenção.”³

Em toda raiz do sintoma encontremos um caráter aditivo:

“[...] constatamos que a outra face do sintoma é o fato de se repetir. E o que se repete? O [...] Um de gozo. Não se trata de algo que se decifre, não é algo sobre o qual a fala opere tal como o faz sobre as formações do inconsciente, pela boa razão de ser como uma escrita selvagem do gozo – adjetivo empregado por Lacan -, ou seja, fora de sistema, é uma escrita do Um sozinho, ao passo que o S2 do qual ele seria correlato é apenas suposto. Quer dizer que a raiz do sintoma é a adição.”⁴

O imperativo de felicidade

“Cada um encarna o mais de gozar que cai de um discurso. Do mesmo modo, o deprimido é ele mesmo o objeto [...] que refuta o imperativo de felicidade e traduz-se em goza!. [...] É a maneira como o discurso reabsorve o deprimido [...] Mas há um objeto que lhe é oferecido em quantidade suficiente [a farmácia]. Alguns não querem a farmácia, preferem a janela.

A depressão é consequência do imperativo de felicidade, ou seja, quanto maior o imperativo de felicidade, quanto maior a depressão, e não o contrário.”⁵

“Com o consumo de drogas, busca-se deixar algumas coisas de lado, mas, para isso, apela-se não apenas ao recalque, existem substâncias tóxicas muito eficazes para fazer desaparecer coisas intoleráveis, pelo menos no princípio, poderíamos dizer que os recursos tóxicos servem de auxílio. Como afirma Freud, em ‘Os chistes e sua relação com o inconsciente’ (1905/1969), esses recursos servem para diminuir a instância crítica que impede o prazer do disparate.

Parece interessante que alguém possa embriagar-se para se desinibir, para aliviar o supereu, porém este não demora em se apropriar desse recurso, e é isso o que força

2 LACAN, Jacques. A psiquiatria inglesa e a guerra. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.125.

3 LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1ª ed., 1979, p. 158.

4 MILLER, Jacques-Alain. *Curso de orientação lacaniana: O ser e o Um*, aula 10 de 6 abr. 2011 (Inédito).

5 BRODSKY, Graciela. As utopias contemporâneas. *Carta de São Paulo*: Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise, São Paulo, edição especial, ano XVI, mar 2009, p. 23-25.

| o sujeito a gozar.”⁶

ÉTICA DA PSICANÁLISE E DESEJO DO PSICANALISTA

Como tocar neste ponto do gozo onde o supereu faz litoral?

| “[...] esse supereu que pode igualar-se ao gozo não simbolizado não é tão fácil de se afrontar.”⁷

| “É a pura lógica do Édipo: opor a lei que vale para todos, o efeito pacificador do Nome-do-Pai, ao desejo caprichoso da mãe do qual se originaria o supereu. Porém, entre nós, interpretamos Kant com Sade, e sabemos que o Nome-do-Pai não é senão uma máscara do supereu, que o universal está a serviço da vontade de gozo. Aprendemos isso mais ainda se recordamos o que inspira Kant, o paranóico genial, Jean Jacques Rousseau: a bela fantasia da vontade geral não esperou muito tempo para revelar uma voracidade, uma ferocidade sem limite.”⁸

| “O analista sente que pesa sobre ele o *Tú interpretarás*, o décimo primeiro mandamento. Ao mesmo tempo, não funciona tão bem como antes, no tempo da interpretação triunfante.”⁹

| “É preciso um limite ao monólogo autista do gozo. E acho muito iluminado dizer que: A interpretação analítica faz limite. A interpretação [semântica], ao contrário, tem uma potencialidade infinita.”¹⁰

| “Lacan assina como tarefa, ‘descompletar, refutar, inconsistir, indemonstrar, indecidir’ os ditos que partem do dizer além daquilo que se pode representar no símbolo fálico [...] essa posição, [...] é uma reformulação lógica do imperativo ético da psicanálise.”¹¹

6 SALAMONE, Luis Dario. O silêncio das drogas. In: MEZÊNCIO, Márcia; ROSA, Márcia; FARIA, Maria Wilma (orgs.). *Tratamento possível das toxicomanias... com Lacan*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 49.

7 LAURENT, Éric. *A psicanálise e a escolha das mulheres*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, p.130.

8 MILLER, Jacques-Alain. Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. *Opção Lacaniana Online*, ano 7, n. 21, nov. 2016. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/teoria_de_turim.pdf. Acesso em: 1 ago. 2026. ou MILLER, Jacques-Alain. *Fábrica de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2024, p.44.

9 MILLER, Jacques-Alain. *La fuga del sentido*. Buenos Aires: Paidós, 2012, p 226-7.

10 MILLER, Jacques-Alain. O monólogo da aparola. *Opção Lacaniana online*, nova série, ano 3, n. 9, nov. 2012. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_9/O_monologo_da_aparola.pdf

11 LAURENT, Éric. A resposta do analista ao chamado gozo. In: LAURENT, Éric. *A psicanálise e a escolha das mulheres*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, p.133.

“No Seminário 23, no que concerne à interpretação, Lacan propõe que o analista ocupe o lugar do sinthoma como um contragolpe que funciona como ajuda-contras o complexo de Édipo. [...] Uma das estratégias da neotransferência na operação analítica faz com que o analista opere como se ele fosse o sinthoma, com uma ajuda-contras que impele o sujeito na direção de A mulher em seu encontro com Um-pai; uma ajuda-contras à consistência do Outro sem barra; [...] à onisciência absoluta do Outro na medida em que implica certa vacilação analítica como furo no saber; [...] à devastação do supereu feminino; [...] o sintoma, a inibição e a angústia, [...] o gozo feminino e o desvario e a deriva, fruto do Significante do Outro barrado, do Outro que não existe.”¹²

“[...] toda interpretação lacaniana no fundo é um corte! Assim, se o significante e o gozo estão conexos, o corte visa vacilar os significantes mestres, produzindo efeitos de ambiguidades, equívocos, incertezas e surpresas; enfim, visa interromper a repetição de gozo e ocasionar um rearranjo no modo de gozo.”¹³

“A interpretação como homofonia é apreendida na generalização do equívoco, que supõe um reenvio ao que está escrito. Ela convoca a relação muito complexa entre fala e escrita. No *Seminário 23*, Lacan desenvolve a escrita como apoio da fala, recusando-se a seguir Jacques Derrida em sua ideia de escrita como impressão, trama, traço. Ele constrói uma literalidade, uma relação com a instância da letra a partir da experiência.”¹⁴

“No contexto [...] borromeano, a interpretação seria [...] um forçamento, como diz Lacan - por onde um psicanalista pode vir a soar outra coisa que o sentido [que] é outra coisa que não a ressonância, é [...] acrescentar o vazio”¹⁵.

Mais sobre a interpretação...

O chiste

Com Freud, sugerimos a leitura de seu texto sobre o Chiste, parte VI - “A relação do chiste com o sonho e o inconsciente”, para relacionar a formação do chiste à interpretação: o equívoco presente na

12 CAMPOS, Sérgio. *Investigações analíticas sobre as psicoses*, volume 2: as psicoses ordinárias. Belo Horizonte: Topológica, 2022, p. 159-160.

13 ALVARENGA, Elisa; CAMPOS, Sérgio. *A interpretação no ensino de Lacan*. Belo Horizonte: Topológica, 2026, p. 234-5.

14 LAURENT, Éric. *A interpretação: da escuta ao escrito*. Texto de orientação eixo 3. Site II Jornadas EBP-nordeste 2022: E o analista em tempos de evaporação do pai? Disponível em: <https://ebp.org.br/nordeste/jornadas/2022/2022/08/16/a-interpretacao-da-escuta-ao-escrito/> Acesso em: 1 ago. 2026.

ou LAURENT, Éric. *A interpretação: da escuta ao escrito*. *Correio*. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, n. 87, abril 2022, p. 63.

15 MILLER, Jacques-Alain. *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 183.

condensação, na ausência de uma explicação e de um efeito produzido no corpo. No último ensino, Lacan aponta no Seminário 24, dentre outros exemplos, o uso do chiste e da significação vazia para poder tocar o corpo para além da significação do gozo.

“[...] aquilo que Freud chama de atualidade não é outra coisa senão a referência aos escândalos e excessos de todo tipo que sempre rodeiam nossa vida cotidiana. Podemos conjecturar que o chiste se apodera dessas situações — que remetem sempre a excessos de gozo fálico —, mas para elaborá-las de um modo singular. São situações que, com o pensar dito sério, isto é, com o Nome-do-Pai e a solução castração, levam sempre a confrontos e a fendas sem saída. Contudo, o chiste toma essas situações como seu material e o elabora, às vezes, de tal maneira que as esvazia de seus intermináveis sentidos, produzindo essa estranha satisfação que se manifesta no riso [...]”¹⁶ (tradução nossa).

“É de uma outra ressonância [não o belo] que se trata, a ser fundada sobre o chiste. Ele se ocupa de um equívoco ou, como dizia Freud, de uma economia.”¹⁷

“Um significante novo [...] um meio de sideração [...] É mesmo nisso que consiste o chiste. Consiste em se servir de uma palavra para outro uso que não aquele para a qual ela é feita; dobramo-la, um pouco, e é nessa dobradura que reside seu efeito operatório.”¹⁸

A escrita poética

“A metáfora, a metonímia, não têm capacidade para interpretar, a não ser quando elas são capazes de exercer a função de outra coisa com a qual se unem estritamente o som e o sentido. É à medida que uma interpretação justa desmancha um sintoma que a verdade se especifica em ser poética.”¹⁹

“O sentido tampona. Mas, com o auxílio [...] da escrita poética, vocês podem ter a dimensão daquilo que poderia ser a interpretação analítica.”²⁰

“[...]a poesia, que é efeito de sentido, mas também efeito de buraco.”²¹

16 VITALE, Fernando. De la significación fálica al Todo como significación. In: INDART, Juan Carlos [et all]. *Significación vacía en la interpretación y la transferencia*, Olivos: Grama Ediciones, 2023, p. 191.

17 LACAN, Jacques. Rumo a um significante novo. *Opção Lacaniana*, n. 22, ago. 1998, p. 11.

18 *Idem*, p.13.

19 *Idem*, p.11.

20 *Idem*, p.10.

21 *Idem*, p.14.

“É preciso dar todo o seu lugar à barra que separa as duas dimensões [significante e significado] e permite a topologia da poética. A função poética revela que a linguagem não é significação, mas ressonância, e evidencia a matéria que, no som, excede o sentido.”²²

PASSE

“Nessa suspensão de todas as fronteiras, apresenta-se, no que se ouve, a voz como tal, entre som e silêncio, manifestação da pura presença do Outro. Não é à toa que essa presença tenha sido quase sempre tomada como divina ou demoníaca. Sabemos que Freud preferiu aproximá-la de seu conceito de supereu. O importante é destacar como, por essa razão, a presença vocal do Outro, mais que qualquer outra, exige resposta. Do contrário, perdemos-nos de nós mesmos por apagamento da fundamental diferença entre eu e Outro. Para o bem ou para o mal, o supereu exige ação, seja qual for. Nos termos de Lacan, sua voz, se pudesse ser ouvida, diria apenas: Goza! Foi com relação a essa exigência cega e sem corpo que minha análise permitiu uma modulação, uma pequena separação que mudou minha história.”²³

“A nomeação como AE desencadeou angústia estancada, quando em supervisão pude isolar um S1, um nome do supereu – o algoz – que eu tendia a encarnar no objeto de amor, ao qual o analista não pôde se furtar a dar corpo. Essa nomeação efetivou a separação do analista e me permitiu tomar distância do sintoma, saber fazer com ele e lidar com a inibição desencadeada pela angústia, forma de manifestação do supereu.”²⁴

“Partindo do conceito de que o desejo do analista tem outra estrutura, distinta da já mencionada relação existente entre a identificação fálica, o Nome-do-Pai e o desejo do Outro. Durante a análise, essa conjunção se revelará essencialmente sustentada pelo Outro materno.”²⁵ (tradução nossa)

“Essa passagem se faz com um salto intuitivo, não dedutivo, não sem antes consentir com o sinthoma e com o desprendimento do Outro. No fundo, o falasser vai

22 LAURENT, Éric. *A interpretação: da escuta ao escrito*. Texto de orientação eixo 3. Site II Jornadas EBP-nordeste 2022: E o analista em tempos de evaporação do pai?

Disponível em: <https://ebp.org.br/nordeste/jornadas/2022/2022/08/16/a-interpretacao-da-escuta-ao-escrito/> Acesso em: 1 ago. 2026 ou LAURENT, Éric. *A interpretação: da escuta ao escrito*. *Correio*, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, n. 87, abril 2022, p. 63.

23 VIEIRA, Marcus André. Traço e rede. *Latusa*. Escola Brasileira de Psicanálise Rio de Janeiro, n. 19, ago. 2014, p.172-173.

24 ALVARENGA, Elisa. O supereu no final da análise. In: CAMPOS, Sérgio de. *Supereu/Uerepus: das origens aos seus destinos*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015, p. 217.

25 BELAGA, Guillermo. La sublimación analítica: El pasaje de la consistencia del superyó a la del partenaire-síntoma. In: CAMPOS, Sérgio de. *Supereu/Uerepus: das origens aos seus destinos*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015, p. 229.

mais além do supereu quando opera com um *savoir y faire* decorrente da pulsão. [...] É nisto que se resume o judô de Lacan: '[...] usar a força malévola do adversário superegóico a favor de seu próprio bem.'²⁶

26 CAMPOS, Sérgio de. *Supereu/Uerepus: das origens aos seus destinos*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015, p. 214.

... abrir essa carta
e aceitar nosso
convite

JORNADA CLÍNICA
XIV JORNADAS DA EBP-SP
16 e 17 outubro 2026



Imagem: philippe-murray-pietsch_unsplash.com

CONVITE

Aos Praticantes da Psicanálise

Caros colegas,

Vimos, em primeira mão, convidá-las(os) a enviar fragmentos ou vinhetas de sua prática clínica para apreciação da Comissão de Orientação das Jornadas, visando à posterior discussão nas Mesas Simultâneas, a serem realizadas no dia 16 de outubro de 2026.

O tema que nos convoca neste ano, o supereu, tem sido tradicionalmente pouco discutido na clínica; nosso objetivo é encontrar seus vestígios, seu funcionamento, os sintomas e as soluções com as quais nos deparamos na prática da psicanálise. O título das Jornadas “Bem-feito, supereu!”, aponta para sua dupla vertente, seus conhecidos malfeitos e o que, na análise e na vida, faz o supereu de bem-feito.

Receberemos os trabalhos até o dia 12/9/2026.

Cordialmente,

Comissão de Orientação
XIV Jornadas da EBP-SP

... propor o
seu trabalho



(imagem: prasongsom-ant_pixabay.com)

Orientações para o envio de trabalhos:

1. Os textos devem ter, no máximo, 5.000 caracteres (com espaços), escritos em

Times New Roman 12, justificados, espaçamento simples, com notas (referências) no fim de página;

2. Colocar no cabeçalho

o título do trabalho, o nome do(a) autor(a), endereço de e-mail e o eixo temático no qual o trabalho se insere;

3. Os textos devem ser enviados

em formato Word, anexado ao e-mail, colocando como assunto:
Bem-feito, supereu! – envio de trabalhos para avaliação/simultâneas

4. Enviar para: trabalhojornadasebpsp@gmail.com

5. Para que o trabalho seja avaliado, é necessário estar inscrito(a) nas Jornadas.

| Não é necessário ser membro da EBP ou associado de algum Instituto;

6. Data limite para envio dos trabalhos: **12/09/2026**;

Eixos temáticos

EIXO 1 – Manifestações clínicas paradigmáticas do SUPEREU

EIXO 2 – A ferocidade do supereu e o empuxo ao gozo

EIXO 3 – Paradoxos do Goze! na cultura

... colocar a
voz e o corpo
na pista

Cante com Sade:
supereu em tom menor



Imagem: (matthew-lejune-unsplash.com)

Élida Biasoli Lenci

Coordenadora da Comissão de Acolhimento e Festa das XIV Jornadas da EBP-SP

Jefferson Nascimento

Participante da Comissão de Acolhimento e Festa das XIV Jornadas da EBP-SP

A nossa festa já tem nome: *Cante com Sade*. A psicanálise nos ensina, desde Freud, a levar a sério a dimensão do chiste e as peças que a homofonia nos prega, como no divertido deslizamento do nome do escrito lacaniano *Kant com Sade*¹ para um inusitado *Cante com Sade*.

Retomemos brevemente esse texto lacaniano de 1966. Nele, Lacan demonstra que a lei moral kantiana e o imperativo sadeano compartilham a mesma espinha dorsal lógica: ambos exigem a submissão incondicional do sujeito a um mandamento que opera no absoluto, completamente descolado do bem-estar, da utilidade ou do princípio do prazer. Kant revela a forma pura do dever. O Marquês de Sade, por sua vez, explicita a verdade obscena que sustenta essa exigência. É a partir desse desvelamento que podemos

1 LACAN, J. Kant com Sade (1966). In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

situar a injunção paradoxal nomeada por Freud como supereu². Ao contrário do senso comum que o reduz a um mero agente castrador, o supereu não se contenta em dizer «não goze». Sua verdadeira face é feroz e afirmativa. Como formula Lacan no seminário 20, o supereu é o imperativo que ordena: “Goza!”³, uma voracidade estrutural da qual o sujeito é presa.

Tomemos o exemplo da cantora e compositora nigeriana-britânica, Sade Adu, que construiu sua estética em um registro vocal e instrumental marcado pela suavidade e por uma atmosfera de intimidade e autenticidade. Como ela mesma declara em uma entrevista amplamente divulgada na internet, ela “canta o que vive, porque qualquer outra coisa seria falsa.”

Em canções como *No Ordinary Love*, a letra carrega uma radicalidade que rompe com qualquer cálculo de benefícios: “I gave you all the love I got”⁴. Há nessa insistência amorosa uma obstinação que permanece apesar da dor. Seria uma fidelidade a um imperativo de gozo que se configura como uma submissão ao excesso mortífero? A voz doce presentifica, ao mesmo tempo, um dever impossível de abandonar. Em vez do estrondo do trovão moral ou do grito do tirano, deparamo-nos com o que poderíamos chamar de um supereu em tom menor. É precisamente nessa torção que vale ressaltar que o imperativo superegóico não é tratado pela via da domesticação - uma tarefa fadada ao fracasso, posto que o supereu se nutre das próprias renúncias do sujeito⁵ -, mas sim pela via de interrogar o que fazer com a pulsão que nos comanda para além do princípio do prazer. É aí que a via da sublimação atua: em vez da fixação na pura devastação, o sujeito engaja-se em transmutar essa lei insensata, deslocando o gozo para a construção de uma obra viva.

É apostando no furo dessa lei insensata, e extraíndo dela a sua face sublimatória e festiva, que lançamos aqui a festa das XIV Jornadas: *Cante com Sade*. Afrouxem o cerco da culpa, deixem o fardo da razão prática na chapelaria e venham dar corpo e voz a uma satisfação possível. Vocês estão todos intimados a comparecer. E, desta vez, ceder a esse empuxo será o nosso melhor sintoma.

Anotem aí:

- A festa será na Casa Bartira, dia 17 de outubro de 2026, rua Bartira, 625, das 20h às 02:00h.
- Com música boa, comidas e bebidas à vontade (Em breve, lançaremos o cardápio).
- **Valor do ingresso:** R\$230,00 até dia 15/09; Após dia 15/09, R\$250,00.
- Pagamento só no **Pix**: CNPJ 02.252.068 0001-93, Escola Brasileira de Psicanálise Seção São Paulo. Depois é só mandar um e-mail pra gente com o comprovante de pagamento e seu nome. Aí aguarde um pouquinho que em breve você receberá um e-mail com a comprovação.
- e-mail: festa.jornadas.ebpsp@gmail.com
- Cheguem cedo, uma **SURPRESA** aguarda vocês às **21h!**

2 FREUD, S. O eu e o id (1923). In: FREUD, S. Obras completas, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

3 LACAN, J. O Seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

4 SADE. No ordinary love. Intérprete: Sade. Compositores: Sade Adu e Stuart Matthewman. In: Love Deluxe. [S.l.]: Epic Records, 1992. 1 faixa de áudio. Disponível em: <https://music.youtube.com>. Acesso em: 23 jun. 2026.

5 FREUD, S. O mal-estar na cultura (1930). In: FREUD, S. Obras completas, v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-122.

... garantir sua inscrição

Convidamos todos a se inscreverem nas XIV Jornadas da EBP-SP:
Bem-feito, supereu!

Para dúvidas e informações adicionais, entre em contato pelo e-mail
jornadas.ebpsp@gmail.com

Link de inscrição: <https://forms.gle/CfD239rTmwBtg5Y3A>



imagem: alexpee07-hieroglyphs_pixabay.com

... conhecer
a diretoria e
as comissões
organizadoras



imagem: tadeusz-zachwieja_unsplash.com

Diretoria da EBP- Seção São Paulo- 2025-2027

Diretora Geral: Veridiana Marucio

Diretora de Secretaria e Tesouraria: Jovita Carneiro de Lima

Diretora de Cartéis e Intercâmbio: Mirmila Musse

Diretora de Biblioteca: Camila Colás

Coordenação Geral

Camila Popadiuk

Comissão de Orientação

Maria do Carmo Dias Batista (coordenação)

Eliane Costa Dias

Heloísa Prado da Silva Telles

Marilsa Basso

Niraldo de Oliveira Santos

Patrícia Bichara

Rômulo Ferreira da Silva

Silvia Sato

Comissão de Divulgação

Maria Julia Swenson (coordenação)

Ana Stela Sande Segue

Clara Ottoni

Fábio Saad

Felipe Bier

Helena Daquanno Testi

Luisa Fromer

Mariana Amado

Comissão de Secretaria e Tesouraria

Paula C. V. Caio de Carvalho (coordenação)
Francisco Lemes
Renata Alves Fornaciari
Renata Duarte
Janaína de Paula Costa Veríssimo
Bianca Wierman
Katia Ribeiro Nadeau
Hector Trinca Espagnoli

Comissão de Infraestrutura

Andressa Contó Luz (coordenação)
Alan Seabra
Fernanda Gelesko
Layla Thamm
Leandro Verzignassi Nunes
Lilian Beiguelman
Maíra Tumbiolo Tosi
Priscila Tavares Viviani
Renata Perche
Ruth Galvão de Barros
Sara Castro

Comissão de Referências Bibliográficas

Carmen Silvia Cervelatti (coordenação)
Eduardo Vallejos da Rocha
Gabriela Ponte Rodrigues
Izabel Abreu
João Paulo Desconci
Luciana Ernanny Legey
Perpétua Medrado Gonçalves
Siglia Cruz de Sá Leão

Comissão de Boletim

Alessandra Sartorello Pecego (coordenação)
Clarissa Carvalho
Emmanuel Nunes de Melo
Francisco Durante
Gustavo Menezes

Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros
Patricia Badari
Paula Maia

Comissão de Livraria

Tatiana Vidotti (coordenação)
Camila Morelli
Camilla Baratto
Caroline Silva
Flaviana Pires Oliveira
Lorrany Corrêa
Natália Cassim
Rosangela Turim
Vinícius Tiola

Comissão de Acolhimento e Festa

Élida Biasoli Lenci (coordenação)
Eduardo Caliendo Marchesan
Jefferson Nascimento
Helena Andrade
Fernanda Cristina Gomes de Carvalho
Teresinha Prado
Débora Garcia

Comissão de Arte

Licene Garcia (coordenação)
Ana Maria Almeida Guerra
Ana Sofia Guerra
Carolline Rangel
Cynthia Gindro
Edgley Duarte de Lima
James Valeriano
Milena Vicari Crastelo